IMPRESSO

Monte Sião

ANOS 62 1958 2020

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m.
Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958 **Novembro de 2020 - Nº 581**

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*-1931) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - + 2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020)

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

A FECHADURA DA CASA BOA

IVAN

A fechadura que liga o interior da casa ao corredor amanheceu quebrada. Todo mundo já esperava. A fechadura rondava os cem anos de idade e foi incessantemente acionada esse tempo todo, tanto é que jamais contraiu ferrugem e sempre esteve polida, brilhante, sem que a idade lhe agravasse o trabalho rotineiro, porém eficaz.

Embora aguardada, a avaria gerou comoção. Não se poderia trocar a fechadura por outra moderna, devido a vários motivos, sobressaindo-se o sentimental e a lembrança que a peça rara traz dos que por aquela porta passaram. Além do que, sabe-se que não se consegue substituir o que está encravado no sangue e a fechadura compõe o sangue da casa.

Abriu-se a fechadura e verificou-se que a mola que empurra a lingueta estava partida, deixando as maçanetas inertes. Nada que o Beto do Jacob não consertasse. E consertou mesmo, devolvendo à casa o mesmo alento de antes e às maçanetas que ameaçavam perder o vigor.

Meu avô afirmava que elas, as maçanetas, vieram da França, louça de Paris, dizia, buscando os circunstantes com o olhar, no intuito de impressioná-los com a procedência da peça e receber aprovação elogiosa. Na verdade, as maçanetas são lindas e, mais que brancas, alvíssimas, como as pernas nuas das dançarinas de cancã do Moulin Rouge, tão bem retratadas nas telas de Toulouse Lautrec que, aliás, apreciava mais as espevitadas artistas que as maçanetas, fora o conhaque e outras drogas que lhe corroeram o corpo, mas arrefeceram-lhe os destemperos das paixões.

Beleza à parte, as maçanetas fazem parte dos moradores da casa e participam da vida de todos eles e das pessoas que as giram para adentrar a morada.

Girou-as toda espécie de gente: brava gente e gente braba. Girou-as, pela primeira vez, meu avô, em junho de 1918, contrapondo a alvura das maçanetas, que sugeria calma, ao seu gênio intempestivo e truculento. Girou-as minha avó, servil e subalterna do meu avô, com candura e silêncio, como quem abre a porta para encontrar coisa melhor, sempre melhor. Meu pai também girou as maçanetas, apreensivo e sorrateiro, pois, ao abrir, poderia cair-lhe sobre a cabeça mão de verdugo.

Impávida, de peito aberto, certa infortunada girou -as como quis, provocativa, ameaçadora e, insubmissa, fez-se puta - no mau sentido - por conta da solidão e do desprezo e, quem sabe, vitimada por desejos incontroláveis.

Girou, uma e triste vez, um capeta que se dizia religioso, disfarçado em carneiro, vomitando enxofre e infâmias. Perdeu a lã, manteve o vício, voltou às maçanetas que se emperraram e se negaram a girar, em nome da dignidade.

Vó Finoca as girou também, no seu perpétuo e negro vestido talar, o nariz adunco procurando coisas no chão, o olhar lúgubre.

O menino que trafegava vida pela casa deixava a porta aberta para melhor distribuir a criancice. Mesmo assim, girou as maçanetas mais por arte, menos para cerrar ou abrir. Por aquela porta o menino passou no vestibular da felicidade.

Tia Belica, de pelos nas ventas, mas de braços franqueados a quem deles necessitasse, torcia as maçanetas como quem abre um relicário e olhava para dentro com ternura e respeito.

Um tio distante, afogado em chagas, cuja pestilência invadia os desvãos, não passou do corredor. Morreu ao pé das maçanetas, corroído por tumores, sem que lhe permitissem girá-las e morresse como cristão. "Foi por causa da soberba que o tio cultivou na abastança", disfarçou-se.

Sem atinar para que lado girar as maçanetas, ficava horas o doentinho, alheio ao mundo, a mãe a acudi-lo com os olhos debruçados sobre o rosto, desesperançada, apenas animando o filho com o afago da mão trêmula e encarquilhada pelo tempo. Se, às vezes, as maçanetas mostravam-se ronceiras, para a moça bonita e risonha que veio de longe elas foram gentis e deslizavam como duas patinadoras no gelo. A moça pôs filhos na casa e, cada filho, girou as maçanetas a seu modo, mas sempre honrado.

Tia Cacilda, com o recato de menina que leva flor ao altar, perfumou as maçanetas com suas mãos cálidas e cheirosas. Mas seu olhar – ah, tia, por quê? – sempre foi habitado por inexplicável melancolia que até as maçanetas devem ter notado e sentido.

Até mesmo, ainda que com as pontas dos dedos, os pequeninos da quinta geração tentam abrir a porta, miúdas labaredas que aquecem a casa e lhe dão continuidade.

Saibam, então, os senhores que me leem (se o plural não for exagero), a casa é boa. A prova está na maçaneta que oferece a entrada, muito mais polida que a que leva para fora, isto é, quem entrou, gostou, ficou e poupou a maçaneta interna. Creio que não durarão outros cem anos; se durarem, mais gente entrará que sairá.

Agora mesmo girei as maçanetas para testá-las e também para ouvir, de lá de dentro, a voz que, hoje rouca, incendeia a casa, ilumina os cômodos e soa como uma ordem a dizer – aqui ainda mora o dono. Sinto, assim, que as maçanetas são boas, a casa é boa, a voz é boa e todas as pessoas que deixaram a marca das suas mãos por ali são boas, por bondade mesmo ou pelo passar dos tempos e evolução da saudade. Se assim não for, fiquem sossegados: maçanetas assim, calejadas pelas agruras, já perdoaram a todos nós, por mais duzentos anos.

O autógrafo do Oscar

ZUCA

Era dezembro de 1982 e o Garapa acabara de conquistar o título no campeonato de futebol de Monte Sião. Eu, o Tampinha e o Mingau (amigos Alexandres Esteves e Mussi, respectivamente) vestíamos todo domingo nossas camisetas da TUG (Torcida Uniformizada do Garapa) e íamos no campão torcer pro Garapa. À noite era misto quente no bar do tio Linde na esquina da praça e jogar iô-iô ouvindo Blitz. Aquele ano realmente foi mágico no futebol. No meio do ano tivemos a Copa da Espanha e o Brasil encantou o mundo com um "futebol arte" realmente sensacional. Aquela seleção só tinha craques da zaga ao ataque (a exceção talvez fosse o goleiro Valdir Peres). Para mim, o Brasil teria empatado o jogo com a Itália com aquela cabeçada do Oscar (que o Zoff pegou), depois passado o rodo na Polônia e seria campeão com outra goleada na Alemanha. Sonhar é muito bom! Mas a realidade foi muito triste, uma decepção ainda engasgada quase 40 anos depois. Lembro ainda depois da Copa, de ficar olhando as camisas das outras seleções que o montessionense Oscar trocou nos jogos e ficaram expostas na vitrine do Unibanco na Rua Direita e pensar que faltaram ainda algumas ali.

Mas voltando àquele dezembro, no campeonato Paulista depois de inverterem o papel de campeão no primeiro e segundo turnos, Corinthians e São Paulo fariam a grande final. O São Paulo vinha de um bicampeonato com um time de craques (e a melhor dupla de saga que eu já vi jogar, Oscar e Dario Pereyra) e o Timão com sua histórica Democracia Corinthiana conquistando vitórias dentro e fora do campo, com Sócrates (Doutor), Casagrande (Casão), Biro-Biro (o Lero-Lero, em uma das lendárias trapalhadas do folclórico presidente Vicente Matheus), Zé Maria (o Super Zé), Ataliba (Gaguinho), Vladimir, Zenon, Solito e outros mais.

Pois no início da semana antes da grande final, o Oscar veio visitar a dona Alzira, sua mãe, vizinha quase de frente da casa da minha mãe na Rua do Sapo. Quando a criançada percebeu que ele estava lá, foi uma correria. Mesmo sem whatsapp, em cinco minutos toda a cidade já estava sabendo e a frente da casa dele estava cheia de garotos querendo um autógrafo ou algo assim. E eu fui para lá também.

A porta da casa da dona Alzira era direto na calçada, com um degrau alto. Oscar ficou na porta e a turma ia chegando, se atropelando e um a um fazendo seus pedidos. "Me dá um autógrafo", "Assina aqui essa camisa do São Paulo", "Autografa minha bola", "Autografa minha camisa da Seleção", "Dá uma camisa do São Paulo pra mim", e vários outros pedidos.

Eu fiquei ali meio de lado, esperando minha vez para um pedido especial. Até que ele perguntou:

_ E vc, vai querer o que?

Criei coragem e mandei:

_ Oscar, você é zagueiro central do São Paulo, né? Zagueiro central marca o centroavante, né? O São Paulo vai jogar contra o Corinthians, certo? E você vai marcar o Casagrande?

_ Certo. Ele respondeu sem entender muito bem ainda.

Aí eu soltei a pérola:

_ Troca a camisa com o Casão e traz pra mim.

Ele deu uma risada sem graça, disse que sim e me deu seu autógrafo, pra eu não ficar sem nada ali.

Apesar de todas as controvérsias que já existiam em torno dele, o Casagrande era um ídolo do momento, inclusive para torcedores de outros times, como o meu primo Jaime por exemplo, que mesmo palmeirense, pintou suas chuteiras com tinta branca, jogando pelo Garapa e imitando o craque Corinthiano.

No domingo seguinte, na grande final, o São Paulo era o mandante e então o Corinthians jogou com a camisa preta com listras finas brancas, minha preferida. Oscar e Casagrande estavam em campo. O Coringão foi campeão por 3 x 1 (depois de ter ganho também o jogo do meio de semana por 1 x 0), com dois gols do Biro-Biro e o terceiro foi o "gol Rita Lee" que o Casão tinha prometido para a Rainha do Rock. Na narração inesquecível de Osmar Santos, Ataliba fez um strike na defesa são-paulina "um pra lá, dois pra cá, rolou pra Casagrande, tirolirolitirolirola, eeeeee queeeeee gooooool". Corinthians, Campeão Paulista de 1982.

Infelizmente o Oscar foi expulso do jogo e não pode trocar a camisa com o Casão. Tenho certeza de que ele teria trazido para mim. Os dois foram companheiros depois no São Paulo e na Seleção e o Oscar foi até padrinho de casamento dele. Fiquei sem a 9 do título. Mas o autógrafo do Oscar tá guardado.

Nota: Contei essa história pro Dr. Flávio Gikovate quando estava construindo o consultório dele na R. Estados Unidos aqui em São Paulo. Dr. Flávio introduziu a psicanálise no futebol, justamente naquele time corinthiano da Democracia. Não me esqueço da risada dele e de dizer que a camisa do Casão seria um prêmio merecido pela minha cara de pau. Também me contou algumas histórias bacanas daquela época. Ele também confirmou as frases do presidente Vicente Matheus como "jogador tem que ser completo como o pato, que é um animal aquático e gramático" e "o Sócrates é um jogador invendável, impagável e imprestável", além da já citada acima e tantas outras.

Ainda não contei essa história pro Casão. Uma vez encontrei com ele num restaurante, mas a minha cara de pau de criança não se fez presente e só trocamos um abraço.

Acesse também nosso jornal na internet:

www.fundacaopascoalandreta.com.br

MADRE TEREZA/ISABEL GUERRA

TONINHO GUIRELI

São duas religiosas, e que foram expoentes na religião, na pintura, no amor ao próximo, e que dado ao grande amor ao ser humano, se destacaram de tal maneira que foram merecedoras dos mais altos elogios, e exatamente pela graça e simplicidade que sempre demonstraram, em qualquer ambiente que se encontravam.

A chamada monja pintora, Isabel Guerra, tinha o costume que de dois a três anos ela deixava a clausura do monastério de Santa Lúcia, em Zaragoza, na Espanha, exatamente para expor suas obras (lindas telas), em Madri. Ela aprendeu a pintar por si só, e embora tenha sido uma criança rebelde, ela sempre quis pintar e amar a Deus. Suas obras mais pareciam ser fotografias. E ao vê-las, Adélia Prado já dizia em suas reflexões, que: "A borboleta pousada, ou é Deus ou é nada!" Tamanha era a perfeição da obra. E dizia ainda que "a parte mais linda da infância é a infância toda"; dizia também "Não conte aos outros tuas dores do parto; mostra teu filho" (Indira Ghandi). E na verdade, na presença de Madre Tereza de Calcutá, todos se sentiam, com razão, um pouco humilhados e envergonhados de si mesmos (Indira Ghandi). E ela dizia ainda: Não ame pela beleza, pois um dia ela acaba. Não ame por admiração, pois um dia você se decepciona. Ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação (M.T.)

Dizia Madre Tereza, que se deve exteriorizar a vontade de amar, entendendo que amor não é sentimento de posse ... É sentimento de doação . Todas as nossas palavras serão inúteis se não brotarem do fundo do coração. As palavras que não dão luz, aumentam a escuridão. As palavras de amizade e conforto podem ser curtas e sucintas, mas o seu eco é infindável. Não precisamos realizar grandes obras, a fim de mostrarmos um grande amor por Deus e para o próximo. É a intimidade do amor que colocamos em nossos gestos, que os tornam algo especial para Deus e para os homens. O amor jamais reclama; dá sempre. O amor tolera, jamais irrita; e nunca se vinga (I. G.). A maior poluição do planeta é o subdesenvolvimento (I.G.);

E podemos dizer que: "A melhor maquiagem é um sorriso; A melhor joia é a humildade; A melhor roupa é a atitude; e o melhor remédio é o amor;

A comunhão com Deus é a única coisa que vale a pena na vida; e é o que nos renova;

A mão de Deus cura lugares onde a medicina não alcança;

Forte não é quem fala mal de você; forte é você! Que fica sabendo de tudo e não retruca; deixa a pessoa morrer com o próprio veneno;

Deus, se algum dia eu perder a esperança, ajude-me a lembrar, por favor; que teus planos são melhores que os meus!

Pai, não sei por quantas lutas eu passarei; mas eu sei que em todas elas, tu estarás comigo;

Perguntamos à Madre Tereza como poderíamos promover a paz mundial. Ela disse: Vá para casa e ame a sua família! E ainda disse: As mãos que ajudam, são mais sagradas do que os lábios que rezam. E que é fácil amar os que estão longe. Mas nem sempre é fácil amar os que vivem ao nosso lado. "Angezé Gonxhe Bojaxhiu, conhecida como Madre Tereza de Calcutá, nasceu em Skopje, na Macedônia, em 26/08/1910. Sua etnia era albanesa, e foi naturalizada Indiana (era de Bengala Ocidental, na India). Foi educada em uma escola pública, na Croácia. Em maio de 1931, fez votos de pobreza, castidade e obediência, recebendo então o nome de Teresa (Irmã Teresa)". Seu sonho era ir para a Índia, onde seria uma missionária entre os pobres. Da Índia ela foi para Calcutá, onde ministrou aulas no Colégio, e chegou a ser diretora. Durante uma viagem de trem, ela recebeu um "chamado" e uma "voz interior" a fez abandonar o noviciado e se dedicar aos necessitados, autorizada que foi pelo Papa Pio XII, em 1948;

Em outubro de 1979, ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz, e nesse mesmo ano ela recebeu do Papa João Paulo II a nomeação de "embaixadora" do Papa, em todas as nações, e também muitas universidades lhe conferiram o título "Honoris Causa". Recebeu do Presidente americano, Ronald Reagan, na Casa Branca, a mais alta condecoração do país (USA), e que é a Medalha Presidencial da Liberdade;

Em nossos pensamentos, em nossas leituras, percebemos que é nosso dever ir ao encontro das pessoas, porque podem ter fome de pão ou de amizade. E também entender que não se deve amar só pela beleza, pois um dia ela pode acabar. E também não amar só pela admiração, pois um dia você pode se decepcionar. Ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação. E aí vem a pergunta: O senhor não daria um banho em um leproso, nem por um milhão de dólares? Pois é; nem eu! Somente por amor se pode dar um banho em um leproso; e observa-se que: Amor interno não se avalia; apenas se dá! E que sou apenas um lápis, na mão de Deus! E é ele quem me escreve!

O importante não é a magnitude de nossas ações, mas sim a quantidade de amor que é colocada nelas...

Em 1987 a União Soviética a condecorou com a Medalha de Ouro do Comitê Soviético da Paz. Em agosto de 1989 realizou um de seus sonhos, que era abrir uma casa na Albânia, sua terra natal. Mas infelizmente, em setembro de 1997, sofreu uma parada cardíaca e acabou morrendo. E o mesmo veículo que transportou o corpo de Mahatma Gandhi (1948), foi utilizado para o cortejo fúnebre da "Mãe dos Pobres". Em outubro de 2003, Madre Tereza de Calcutá foi beatificada pelo Papa João Paulo II, e em 04 de setembro de 2016, foi canonizada pelo Papa Francisco. Ainda em vida, era chamada por "Santa das Sarjetas".

O mundo das fábulas: fábula da Blusa Karibe

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

Acho que eu estava com mais ou menos 12 pra 13 anos. Sei disso, porque, me lembro, tinha acabado de terminar o quarto ano primário. Naquele tempo, todo menino que completasse o primário já saía procurar um quefazer, qualquer coisa, ajudava nas despesas da casa e aprendia uma profissão. Tudo muito certo, comum, o que nem há necessidade de alongar nessa descrição de fatos. Tudo muito sabido, incorporado; justo. Também nem precisa falar que nesse ponto um menino já começava a ficar homem, começava a espigar, começava também a perceber-se moço, ver seu corpo mudar, desejos etc. Também isso está na conta de que todo mundo sabe, e em todos os tempos... Nem sei se isso é tão válido para esse relato, se todos já sabem. Mas, vá lá, continue interno meandros dessa história e tente encontrar ou viver algo de novo, revelante, caso não encontre, desista, pule fora, me xingue, apague, delete, faça campanha difamatória em todas as redes sociais. Mas nunca poderá me acusar de ter-lhe puxando para dentro de uma história mentirosa, ou mesmo para um engodo, porque...

Essa história toda me veio nos olhos quando, dias desses, voltando ao antigo quarto de meu pai, que Deus o tenha, vi uma blusa da marca Karibe socada no fundo de uma gaveta, de uma gaveta de um guarda-roupa daqueles bem antigos, madeira maciça, acho que é peroba. Peguei a blusa, um verde oliva, ainda bem forte naqueles meus anos de crescimento. Vi também pessoas da roça, um cafezal, um mês de junho gelado, bem na Barra do Morro Pelado, lá no Grotão, com todos os vizinhos, me vi no meu primeiro emprego de homem a ser, dia a dia colhendo café, vi também meu corpo espigando, mãos tão bolha, bolhas prévias de muitos calos, vi uma festa de uma Santa Cruz, toda em bandeirinhas, fogueira de São João, e eu me visto nessa Blusa Karibe, aqui, oh!...

Eu... robusto ser, nesta blusa tão chique, tão sem ninguém ter igual, vestido assim, numa blusa que só se podia ver em meu corpo de moço crescendo, oh, Deus, que força tenho nesta blusa..., quase pronto de bonito, não fosse tantas espinhas, sardas, furúnculos prestes a explodir, dentes tortos, fala quase gutural... Mas, a blusa Karibe tapava tudo isso. Eu entre o povo público daquela Capelinha, ao pé do Morro Pelado..., com a instante blusa ajustou-se em seu corpo de rapaz... ao corpo dos lugares, às ruas do centro da cidade abriam passarela pra mim, eu descendo centro, Rua São Paulo, Cine Clube Yara, Zênite Loja, Praça Burle Marx, descendo, dos lados pude ver, parece, nave espacial cruzando de morro a morro. Eu pude, tem de acreditar em mim, ver uma grande câmera clicar fotos, já não sei mais quantas naves, se eram de linhagens ETs, Sputnik ou Apollo: Proto Skylab, percebia..., não, vi movimentos, nos cliques, Aahh!... o céu clareava Relâmpago! Meu peito inchava, pisava alto, difícil dizer o local da cena em evolução, faz tempo, me perdoe, não dá pra saber, tinha 12 pra 13 anos. É, eu estava no grotão por inteiro, terreiro igrejinha Santa Cruz..., não, não, perdão, perdão, entenda, eu estava na passarela do Centro Nobre. E o mundo era pura fantasia...

Sei que, bem vagamente, mas não sei quando foi (no tempo), exato... Estava em frente à loja Zênite, (era naquele evento, era outro evento, era quando, que quando era esse, veja aí, alguém pode me dizer??) na esquina, parado, observando as luzes, dos postes ou daquelas naves vindas dos morros...: uma mulher, uma mulher tão senhora pega em meu braço e diz, Airtinho, você vai ficar aí? Quando olhei, ela pede desculpas: desculpas, desculpe-me mocinho, quem é você? Eu? Oou! Quem sou, nesta blusa puro Soul?!!... Nossa, a blusa do meu filho serviu-lhe direitinho! Achei que fosse meu filho. Ele usou tanto essa blusa que não aguentava mais vê-lo com ela... Doei pra caridade. Você gostou?...

Sim!... Sim, a reza da Santa Cruz acabou, retornei à fazendinha; ali mesmo, outro dia sol raiou, também não preciso narrar isso, todos os dias o sol se levanta, é trivial isso, me perdoe, é porque com o raiar do sol, vem novo dia, galo canta, novamente trivial, seis horas de um dia de junho, muito frio, gelado, você sabe disso, todos sabem! Se não souber, informo que apanha-se café com as mãos, limpas, sem luvas, para não atrapalhar, e pela manhã, com o frio, há muito orvalho. Sempre é assim: Galo cantou, dia raiou, orvalho cobriu, gelo desceu: as mãos, o gelo, as bolhas, os calos se misturam densos. Quase perde-se o tato.

Ainda bem que com o sol, o tempo esquenta, e que o tato e a sensibilidade nas mãos voltam. Mas, claro, isso tudo é muito sabido, ridículo relatar, me perdoe, proteste por trivialidades, história enfadonha, sem fôlego de fábula, mas não por fingimento, que não sou um fingidor, e essa história não é uma mentira ardilosa...

– Zezinho, não leve essa blusa Karibe pro cafezal, é nova ainda! Não sabe disso, vai estragar!!!

– Mas só tenho essa!!!!

Quase pude ouvir isso! Você ouviu?

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020).

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG
Fotografia – José Cláudio Faraco
Direção financeira – Charles Cétolo
Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins
Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censode 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

MAZA PNEUS
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

DROGARIAS ULTRA POPULAR
Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Balão) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

MECÂNICA NETOS ar nacionais e importados
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico
Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)
Monte Sião - MG CEP 37580-000

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
dynamisemanipulação Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

DELTA FOTO PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!
Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

UM DIA DE FINADOS

J. CLAUDIO FARACO

Foi no dia de finados deste ano de 2020, enquanto passeava pelo cemitério revendo e orando pelos familiares, amigos e amigas que já se foram, deparei-me com o túmulo e a placa de identificação de uma pessoa muito querida e popular de Monte Sião dos anos 1960: estava lá, assim escrito: Dito Pereira – O poeta das nossas ruas – amigo dos pequeninos – mendigo do coração de ouro. Falecido em 17 de Agosto de 1961.

Somente quem teve o privilégio de conhecê-lo poderá avaliar e rememorar a figura daquele homem extremamente humilde, pés descalços, roupa puída e amarfanhada cobrindo um corpo frágil e magérrimo. Dito Pereira era o poeta das ruas, vielas, sarjetas, bares e jardins. Amigo das crianças e adultos, dos cachorros de rua, da cachaça que o deixava ainda mais inspirado, das noites de lua, do amor pela poesia. Era sempre convidado a limpar os quintais existentes na maioria das residências, em troca do almoço e algum pagamento em dinheiro que o ajudava na sua sobrevivência.

Eu era adolescente e muitas vezes ele esteve em casa para limpar o quintal. Depois de terminar o serviço e descansar, iniciava suas poesias em voz alta e empolgada. Não me lembro de ouvi-lo reclamar da vida. Ele demonstrava ser muito feliz por estar sempre de mãos dadas com a ingenuidade e boemia. Não sei quantos anos ele tinha, nem se ainda possuía pai, mãe ou irmãos, mas quando faleceu, faltava-lhe um túmulo para receber seu corpo franzino e sua alma encantada. Deixaram-no em cova rasa junto ao ardor da terra que o viu nascer. Mas foi por pouco tempo, pois três amigas: Isabel Grossi Guireli, Elsa Labegalini e Hilda Grossi (em memória das duas últimas citadas), não se conformaram com aquela situação e juntaram seus caridosos esforços para comprar o terreno onde foi construído um túmulo de concreto e tijolos, simples, assim como era o seu novo dono, e que passou a ser o último lar do inesquecível Dito Pereira.

Mais respeito com o português - Nº 25

ISMAEL RIELLI

O mais que perfeito (termina em RA nas 4 conjugações – amara, vendera, partira, pusera) não é muito usado, mas dá um belo efeito estilístico, quando empregado substituindo o condicional e o imperfeito do subjuntivo

Do antológico soneto de Camões:

Sete anos de pastor Jacó servia.
Labão, pai de Raquel, serrana bela,
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por premio pretendia

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la,
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel, lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe FORA assim negada a sua pastora,
Como se a não TIVERA merecido.

Começa a servir outros sete anos
Dizendo: mais SERVIRA se não FORA.
Para tão grande amor tão curta a vida.

Lhe fora (tinha sido) assim negada
Como se a não tivera (tivesse) merecido
Mais servira (serviria) se não fora (fosse)

Esse tal de Camões, além de Os Lusíadas, deixou-nos belos sonetos. Foi um poeta porreta. Negar quem há de?

Despertei. Não adormeci mais. Comecei a sentir fome. E quem está com fome não dorme.

Carolina Maria de Jesus - no livro Quarto de Despejo, publicado, com grande sucesso, no final da década de 50. Relançado agora, consta da lista de vestibulares.

Carolina narra, em diário, a luta para por comida na mesa pros três filhos e pra ela. Dias havia que não tinham o que comer, apesar de sua garra e disposição para catar papel, papelão, ferro, etc...

Riquezas da nossa língua.

Nosso linguajar é vasto e variado, engraçado, interessante e curioso. Como é rico o nosso português!

Está em estado interessante (grávida)
O rapaz fez mal à moça (engravidou-a)
Abotoou o paletó
Foi comer capim pela raiz
Foi pra cidade dos pés juntos
Bateu com as dez
Roer a corda
Bolear
Lavar o milho
Deitou com o arreio
Amarrar os cavalos juntos

5 quilos de alegria – TV Baby Empire
Risada amarela
Desculpa esfarrapada
Onde Judas perdeu as botas
Onde o vento faz a curva
Na casa do chapéu

Casa da mãe Joana
Não vale o feijão que come
Não vale uma pitada de fumo macaia
Não vale o que o gato enterra

Não vale um vintém furado
Bananeira que deu cacho
Bilhete corrido
A vaca foi pro brejo
Deu com os burros n'água
Caiu do cavalo

Fogo de palha
Manteiga derretida (chorona)
Nem que a vaca tussa
A porca torce o rabo
Quando a galinha criar dentes
Foi ver o sol nascer quadrado
Casa de ferreiro, espeto de pau
Trabalha de sol a sol, como um mouro.
Japonês no hospital - (Ary Toledo)

O japonês do interior tá mal lá no hospital, com um amigo lá na cabeceira, pra dar uma força pra ele. O Japonês sussurra:

- Sorocaba... Sorocaba... So... ro... ca... ba... – e morreu.

O amigo do Japonês chama o enfermeiro e conta:

- Olhaí, enfermeiro... Suzuki, o meu amigo, morreu! Ele não falou nada... O coitado só conseguiu dizer: "Sorocaba"!

E o enfermeiro:

- É claro! Com o senhor sentado na borrachinha do soro, o soro tem que acabar mesmo!

Genocídio: crime contra a humanidade.

Intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso.

O campeão dos genocidas foi Adolf Hitler.

Stálin também matou milhões de conterrâneos russos.

Po Pot, do Laos, empilhava cadáveres.

Na África lutas tribais redundam em milhares de mortes. Foi o que aconteceu em Ruanda.

Na Iugoslávia retalhada, houve mortes em profusão.

Os Turcos emboscaram os Armênios num massacre covarde revoltante, no começo do século passado.

Franco e Pinochet também foram exímios matadores.

Nossos Bandeirantes, homenageados com nome de rodovias, não são os heróis que os livros da história nos ensinaram. Mataram muitos índios. Essas matanças de índios por esse Brasil a fora, especialmente na Amazônia, são genocídios que nos envergonham.

Idi Amin Dada passou pra história da África como um exterminador.

Mais alguns galicismos

Palavras e expressões da língua francesa anexadas ao Português:

Arrivista: ambicioso, quer vencer a qualquer preço, inescrupuloso, do verbo arriver = chegar.

Etagère– móvel com prateleiras

Excusez du peu. Desculpa o pouco. Ironicamente para referir – se a algo exagerado.

Fauteil – poltrona.

Festonné – bordado cheio, caseado na parte externa.

Foyer – sala de estar dos teatros.

Frappé – líquido resfriado com gelo.

Front – fronte, testa, frente de batalha.

Gauche: desajustado, estabanado, esquerdo, inepto.

Confessa Drummond que, quando nasceu, um anjo torto prognosticou:

Vai Carlos, ser gauche na vida.

Trovas de Arlindo Nóbrega

Olhos pretos são ciúmes,
Olhos verdes, traição,
Olhos azuis são queixumes,
Olhos castanhos, paixão.

OI, tá tudo bem querida?
CLARO, tudo certo sim.
Só que VIVO a minha vida,
Pensando direto em TIM.

Quando este mundo acabar,
Como afirmam por ai,
Aqui só quero ficar,
Se for juntinho de tí.

O politico é uma graça,
Em época de eleição,
Até poste ele abraça,
E aperta mão de pilão.

O preto, branco, mulato,
Têm uma coisa em comum,
Sua sombra, que barato,
Nivela todos por um.

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS
DERBY Têxtil
Av. Monte Sião, 925
Bela Vista
Águas de Lindoia/SP
(19) 3824.2499
(35) 99138.0307
Trabalhamos com remalhadeiras "Complet" novas e usadas
- Agulhas e platinas para retilíneas
- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras
- Bobinas e seletores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

105 AUTO PEÇAS
vivo
9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

HÁ 60 ANOS NO MONTE SIÃO

Publicado em 15 de novembro de 1960 – Edição nº 63

Entregue ao público o novo prédio do Grupo Escolar

Já se acha em funcionamento, desde os últimos dias de outubro, o novo prédio do Grupo Escolar.

Fiel ao cumprimento das cláusulas do Têrmo de Acôrdo Especial firmado entre a Municipalidade de Monte Sião e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação e Cultura, o Sr. Carlos Pennachi— Prefeito Municipal prestou contas do auxílio dos dois milhões de cruzeiros recebidos do Govêrno Federal para a conclusão das obras do novo prédio.

Com base na documentação levantada pelo Serviço da Contabilidade da Prefeitura, pudemos observar que para a conclusão do serviço de reforma e adaptação foram gastos exatamente C$ 2.025.044,60.

Totalmente orientada e executada sob a responsabilidade da própria Municipalidade, que visou, assim, menores gastos e maior e mais eficiente fiscalização no emprêgo de materiais e desempenho dos operários, as obras puderam ser concluidas num tempo recorde de dois meses e quinze dias.

Ao fazer a entrega da documentação dos gastos realizados, ao INEP-MEC, o Sr. Prefeito não se furtou ao prazer de ressaltar a gratidão do povo ao Ministro Clóvis Salgado, à Diretoria do INEP e, particularmente, à d. Zenaide Schultaz Cardoso, Secretária daquele Instituto—verdadeiros doadores do novo Grupo Escolar ao Município—pelo magestoso edifício que ornamenta a cidade e que reais benefícios vem prestando às crianças montessionenses.

Solucionado, assim, êsse magno problema, que desde 1948 vinha exigindo a atenção dos poderes legislativo e executivo locais, justo é que registremos aqui os aplausos desta fôlha a aquêles que souberem levar a cabo êsse importante melhoramento e que, incansáveis, continuam ainda trabalhando para o bem comum.

SEGURANÇA CATINI ELETRÔNICA
Ligue: (19) 3824-5421 (19) 3824-1094
Venda e instalação de Alarmes
Monitorados e convencionais
CFTV - Cerca Elétrica
Locação de equipamentos
Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.
Solicite um Orçamento sem compromisso!
Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas
Águas de Lindóia - SP - www.catisegurancaeletronica.com.br

Alunas do colégio Fênix de P. Alegre vencem concurso de redação do IF Sul de Minas sobre Necropolítica no Brasil do século XXI

O Instituto Federal do Sul de Minas promoveu, em outubro de 2020, um concurso literário com o tema 'Corpos dissidentes: a necropolítica no Brasil do século XXI'. Os textos que seguem foram premiados com o 1º lugar nas categorias dissertação-argumentativa e crônica respectivamente. Luiza é estudante do 3º ano do Ensino Médio e tem 18 anos, a Camila, do 2º ano do Ensino Médio tem 16 anos. Ambas são alunas da professora Fernanda Duayer Picardi no Colégio Fênix de Pouso Alegre. Apesar da densidade do tema, as alunas alcançaram uma qualidade de reflexão e expressão escrita admiráveis. Em tempos difíceis, como os que atravessamos, saber que há jovens conscientes, talentosos e empáticos nos traz alento e esperança.

**A professora Fernanda Duayer Picardi dirige a plataforma de ensino de redação Redija! em parceria com a professora Carolina Nassar Gouvêa (colaboradora deste jornal), ambas com ampla experiência de correção nas bancas dos maiores vestibulares nacionais. É possível conhecer mais sobre a plataforma por meio do Instagram @ redijaredacao.*

Corpos dissidentes: a necropolítica no Brasil do século XXI

A escritora brasileira Conceição Evaristo, em sua obra Becos da Memória, traz à tona a contradição existente entre a abolição da escravatura do ponto de vista jurídico-legal e a forma com que essa se efetivou na prática. A partir disso, ela evidencia a posição de subcidadania na qual estão inseridos os moradores da favela, em sua maioria negros, ameaçados por políticas higienistas de desfavelamento que objetivavam "embranquecer" os centros urbanos, e, em certa medida, assassinar a existência simbólica negra. Apesar de se tratar de uma obra fictícia, Evaristo explora muito bem o cenário da favela enquanto palco da necropolítica – conceito cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, para criticar a forma com que o Estado, ao exercer sua soberania, subjuga e subverte os chamados corpos dissidentes.

Nesse sentido, é imperativa a ressalva de que o exercício do necropoder no Brasil está intimamente associado a economia neoliberal que vem se estabelecendo no País, a qual, por meio do corte de direitos fundamentais, visa atingir parte específica da população, que é vista como irrelevante para a manutenção desse modelo econômico. Por conseguinte, no centro da necropolítica brasileira estão os corpos negros, que, até o último Censo, compunham mais de 70% dos habitantes das favelas – regiões nas quais a lei não se aplica, onde vive-se um estado de exceção permanente, no qual o princípio constitucional de Estado Democrático de Direito, que tem por base o respeito à soberania e a dignidade da pessoa humana, é ignorado por completo –, ao passo que é possível constatar que a morte é intencionalmente direcionada a indivíduos de cor e endereço específicos.

Todavia, a necropolítica no Brasil não se expressa somente pela ausência de políticas sociais, visto que, quando tal condição não é suficiente para descartar as vidas miseráveis, outras medidas de violência são acionadas. Prova disso são os dados divulgados pelo último Anuário de Segurança Pública, que apontam que cerca de 75% das mortes causadas por intervenções policiais no País são de pessoas negras.

Por outro lado, ainda que o Estado assuma o protagonismo pela morte dos negros, ele tem por coadjuvante a própria sociedade, que banaliza a violência infligida a esses indivíduos, que só são respeitados enquanto seres humanos se ascendem economicamente; caso contrário, são vistos como parasitas, que impedem o País de "prosperar". Nesse contexto, cabe o conceito de banalidade do mal, cunhado pela filósofa Hannah Arendt para explicar a forma com que a Alemanha Nazista tratava os judeus – como seres insignificantes e bestializados, e, portanto, passíveis de eliminação física.

Analogamente, a atual conjuntura brasileira se aproxima cada vez mais do que foi a experiência nazista, haja vista que a cumplicidade entre Estado e sociedade se torna, gradualmente, um fator de legitimação da morte de negros, que ao longo de toda a história do País foram vistos como inimigos. Dessa forma, o Brasil tal qual se conhece hoje, só existe por conta da necropolítica racista e da redução de seres humanos a condições animalescas, no universo concreto e também simbólico. Em suma, o Estado brasileiro é, por excelência, um produtor e mantenedor da morte.

**Texto de autoria de Luiza Hadassa Faria, 1º lugar na categoria dissertação-argumentativa no Concurso de Redação Letras Pretas promovido pelo Instituto Federal do Sul de Minas*

Crianças Invisíveis

Estou eu na sala de espera de um consultório médico, como já estive tantas vezes. Tomada pelo típico tédio de salas de espera, resolvo ler o jornal ali disposto para os pacientes. Ao abri-lo, vejo um rosto sorridente de uma jovem criança negra, de não mais de 10 anos, e ao ler a manchete acima da foto, surpreendo-me: a garota, que agora soube que se chamava Ágatha Félix, havia sido vítima de uma bala perdida vinda da arma de um policial, enquanto estava voltando para casa com a família, em um momento em que sequer havia confronto no local. Mais uma criança vítima da polícia no Brasil, dizia o jornal.

Não sei como ainda me surpreendo com notícias assim, já tão cotidianas, infelizmente. Talvez isso seja uma qualidade, que me diz que ainda sou capaz de sentir alguma empatia, diferentemente da maioria da população, que parece ignorá-las, como se as crianças fossem invisíveis. Diferentemente do governo, que promove políticas violentas para combater a violência, independentemente do saldo de vidas inocentes.

Ao passar meus olhos pelo texto da notícia, tudo que consigo pensar é no futuro que esperava a menina. Seus familiares a descreviam como sonhadora e esforçada, além de muito alegre. Quantos sonhos destruídos por uma bala! Quantas oportunidades ainda a aguardavam, quantas brilhantes coisas ela poderia ter feito? Nunca saberemos. Sua vida foi tirada precocemente por um tiro disparado pelo seu próprio "pai", segundo Hegel: o Estado. Não deveria ser o dever do governo garantir a vida e o direito de sonhar? Não deveria ser dos policiais o dever de proteger a vida?

Para falar a verdade, o Estado brasileiro nunca assumiu por completo sua missão. Nesse país, historicamente marcado pelo racismo e desigualdade social, as vidas de negros e pobres sempre foram vistas como descartáveis. O progresso, do qual tanto nos orgulhamos e que consta escrito em nossa bandeira segue sendo apenas uma utopia, pois ainda revivemos as mesmas cenas do nosso passado: pessoas negras sendo mortas pelas autoridades, como se sequer fossem humanas. Tudo isso em nome de uma suposta pacificação social, uma política de fachada para manter a elite tranquila em sua posição privilegiada. E assim, o Estado segue sua política de morte, cujos alvos preferenciais são os corpos dissidentes que habitam as favelas.

A menina Ágatha, cujo rosto impresso segue me encarando com doçura, e todos os outros negros que foram mortos direta ou indiretamente pelo governo, são vítimas do descaso. Vítimas de uma política que segue matando negros como baratas. Na balança do necroestado, suas vidas sempre valerão menos.

O médico me acorda de meu devaneio, alertando-me de que chegou a minha hora de ser atendida. Roubo a página do jornal. No bolso da blusa, do lado esquerdo do peito, guardo a fotografia amassada. Alguém irá se lembrar de mais essa criança invisível.

**Texto de autoria de Camila Rafaely Schmidt Machado, 1º lugar na categoria crônica no Concurso de Redação Letras Pretas promovido pelo Instituto Federal do Sul de Minas.*

Carta a Milton Nascimento

BRAZ CHEDIAK

Meu querido Bituca,

Acabo de ver, pela televisão, que você foi excluído das "personalidades negras importantes" pelo diretor da Fundação Palmares.

Isto me fez pensar: afinal, o que é que Milton fez para "ter sido" importante para tal Fundação? Um entendedor de música ou entendedor de Ser Humano, responderia:

- Milton Nascimento foi um dos maiores cantores da língua portuguesa de todos os tempos, um compositor extraordinário, um Ser Humano inigualável.

"Milton levou o nome do Brasil para todos os países do mundo, combatendo o bom combate contra as ditaduras, as desigualdades raciais e sociais, a fome, a miséria, a traição, a ignorância, a mentira.

"Foi um Paladino da paz, da amizade, do abraço fraterno, do ""amai a seu próximo como a ti mesmo"".

"Milton Nascimento deu sentido e beleza às nossas vidas. Milton foi e é um brasileiro que nos faz orgulhar de sermos brasileiros".

Mas, como você sabe, meu querido poeta/cantor, o barco às vezes balança, a noite às vezes cobre o azul do céu, do mar, da terra.

E ficamos tristes.

Tristes porque você foi excluído de um lugar que é seu (por alguém que é nada, meu querido Bituca), como também o foram Abdias Nascimento, Elza Soares, Tim Maia, Martinho da Vila, etc., etc., e até mesmo Zumbi dos Palmares.

Mas um anjo do bem chega até mim e, com sua voz Trespontana, me sussurra: "o presidente da Fundação, Sérgio Camargo, só será lembrado por sua ignorância, recalque, despeito, inveja. E Bituca será lembrado por seu amor, por sua beleza, por sua voz, enquanto alguém cantar na face da terra. Enquanto nos ajoelharmos e louvarmos a "Voz de Deus", porque, como disse Elis, "Se Deus cantasse, seria com a voz de Milton Nascimento!".

E Deus canta, meu querido Bituca, Canta em todas as coisas livres: no vento, nas folhas das árvores e na relva, no murmurar dos riachos, no coração dos amigos... e no grande lamento brasileiro pelo momento de dor pelo qual passamos.

Milton você foi "excluído" das personalidades da Fundação Zumbi dos Palmares, mas não foi excluído de nós e viverá enquanto vivermos.

E depois que deixarmos a vida sua voz continuará ecoando, em eco, como os cascos dos cavalos com suas rubras ferraduras, como a voz nas estradas, como um amigo guardado do lado esquerdo do peito de todos os seres humanos. Como a música da infância no Cine Ouro Verde.

Como o Grande Bituca. O Grande Milton. O Grande Brasil.

E somos gratos a você por isto.

Com carinho,

Braz Chediak

O medo da vacina e sua esperança

JAIME GOTTARDELLO

Em um exercício de imaginação, suponha que você, adulto, tenha a idade de 3 ou 4 anos. Na sala de vacinação do postinho você chora enquanto a enfermeira passa álcool no seu braço, desinfetando para aplicar a vacina DTP tríplice bacteriana e a SRC tríplice viral. O pânico se instala, o desespero é tamanho e você só quer correr para longe daquela sala. Vou deixar você lá por um momento.

A primeira medida para melhorar a aceitação e eficácia da vacina é lidar com o medo e as dúvidas com relação a ela. Mas isso é realmente mais difícil do que parece. As pessoas não temem todas as vacinas pelos mesmos motivos. Ao longo da história, era comum acreditar que as vacinas estavam contrariando os desígnios de Deus ou até mesmo violando o santuário do corpo. O medo da vacinação também pode surgir a partir de questões práticas, onde é exigido que as crianças recebam até 24 vacinas antes dos dois anos de idade. Há também as dúvidas científicas sobra a eficácia da vacina, como no caso da caxumba, sarampo e rubéola e as dúvidas morais, no caso do HPV, cuja vacinação deveria ser realizada antes do início das atividades sexuais.

Toda essa dificuldade em acreditar e não temer as vacinas fica ainda mais complexa e confusa com a multiplicação de falsas informações na mídia, a qual todos temos acesso, e a autopublicação de terapias alternativas e fatos sem comprovação científica.

Voltando ao exercício de imaginação da criança de 4 anos, de repente você aparece diante dela diretamente do futuro. Você pede que ela não chore porque em 2020 o que mais ela iria desejar era estar na fila do postinho para tomar a redentora vacina contra a COVID-19. Ela não iria acreditar, eu sei, mas é o que o mundo todo deseja em compartilhada esperança. Nem que doa...

VISITE NOSSO MUSEU

O QUE É ENVELHECER?

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Estou certo de que este texto vai gerar algumas discordâncias de quem ler. Aqueles a quem eu chamaria de otimistas, que têm fé, que acreditam num outro estágio depois dessa vida terrena, já que estamos aqui só de passagem. Mas imagino que alguns hão de concordar comigo. Não pretendo unanimidade de pensamento. Nem tudo são flores na vida, seja de quem for. Cada qual com suas razões e justificativas. O tema é polêmico. Mas não vou deixar de ser sincero por isso. E, já de início, não me digam que envelhecer é bom, porque não é! Essa coisa da "melhor idade" é uma besteira inventada por gurus da autoajuda para passar um verniz na realidade. "Envelheçam com alegria!" — dizem seus manuais de esperança.

Envelhecer é um processo de perdas contínuas, sim, de todos os tipos. Desde a fragilidade física até o distanciamento gradativo de tudo o que é essencial na vida: família, trabalho, amizades. Sonhos que ficaram pelo meio do caminho. O esquecimento daquilo que fomos e fizemos. Não quero parecer um idiota carente reclamando da vida, lastimando os acontecimentos, chorando o leite derramado pelos caminhos e encruzilhadas. Absolutamente, não! Muitas coisas boas aconteceram na minha vida que me deixaram feliz. Mas se foram. Não existem mais. Sem dúvida, devo reconhecer e admitir que deve existir uma parcela da população — pequena, eu diria — que está muito bem na velhice, cercado de filhos e netos, o próprio cônjuge, uma boa aposentadoria, algum trabalho ainda, nenhum problema sério de saúde, amigos ao redor, nenhuma mazela na família, enfim, tudo "sob controle". Uma pessoa sortuda, eu diria, abençoada por Deus, que deve agradecer muito.

Na velhice não há mais como se alimentar de ilusões. É viver a realidade, e pronto! E o mais grave de tudo: o tempo fica contra. Não é possível mais pensar a longo prazo. Tudo é para ontem, senão não dá mais tempo. Perdi vários amigos e parentes num passado recente. Lembrados agora somente pelos poucos mais próximos. Foram "viver" no cemitério, um lugar de esquecidos. Dias atrás fui à casa de minha irmã, que perdeu recentemente o marido. A casa ficou mais vazia de objetos que pertenciam a ele. De surpresa, ela me levou a um cômodo e mostrou uns dez daqueles sacos de lixo pretos. Estavam cheios de roupa que seriam doadas. E me disse, com a voz embargada: "Isso é o que sobrou do Edson!".

Sim — ainda na velhice e depois da morte — sobra muito pouco de nós. Quase nada, eu diria. Entre quartos vazios e sombrios ou asilos. Na morte, ainda a insensatez das providências burocráticas de velório, enterro e inventário. A gente se vai, fica tudo aqui. Por um tempo ainda, alguém depositará flores no jazigo, fará uma oração, acenderá uma vela. Numa festa de aniversário ou Natal alguém se lembrará "como ele era divertido". Mas tudo se tornará um passado sem retorno.

Ah, meus amigos, um cronista triste e lamurento hoje que estragou seu dia? Talvez, talvez...

O canto da Poesia

Meu jeito

A flor
ainda me dá
seu pólen

A noite
ainda me dá
guarida

Meu tempo
devagar
só some

Estou
ao norte do sul
da vida

De teimoso
tardo
mas chego

De dia
sou beija-flor
à noite
sou morcego

Eraldo Monteiro

Arremedo

Não me pense
deixa-me existir
despensado

Nem me invente
que sou deveras
inventado

Tão inventado
que desnecessito
de remendos

J. Carlos Grossi

Ostracismo

MATHEUS ZUCATO ROBERT

Este é para você cuja alma esqueci-me de esquecer. É para você que ensina com esmero aquilo que pouco posso compreender. É para você cuja alma inesquecida está escondida sobre a camada de pó sobre o rosto. Este vai para você que em minha mente não me permitiu chamá-la, mas tampouco se importa com isso. É para você cujos olhos impenetráveis olham só com olhos. É para você que usa sempre o mesmo jeito de estar. É para você cujo conteúdo me encanta não pela beleza, mas pela complexidade de um emaranhado de fios que talvez tenha saído diretamente de seu intelecto quase intransponível. É para você que sorri com os olhos. Para você que me olha e revela coisa que não sei definir — como fosse transmitida em língua estrangeira —, mas que ao menos é revelado. É para você que se declarou oficialmente humana, e nada mais. Este é com o objetivo de lhe mostrar o que aprendi não com o que você ensina, mas com o que esconde do mundo. É com o intuito de mostrar que eu percebo sua existência invisível.

Dê-me a oportunidade de te olhar mais pormenorizadamente; permita-me alcançar você. Permita-me descobrir-te; livra-me da maldição que é te olhar e não me contentar com a casca branca deste ovo tão mal polido que é você. Liberta-me da obrigação inconsciente de perceber que seu sorriso se desfaz com mais velocidade do que se constrói; dos olhos que olham para mim com uma cor dificílima de se enxergar e que revelam sua infância e os pais que talvez você tenha hoje incorporado. Fale-me, mesmo que as palavras não saiam. Abra sua alma, em alternativa. Ofereça-me um pingo de sua existência para que ao menos conheça suas aflições; para que possa olhar-te nos olhos sem o constrangimento em tentar, constantemente, invadir sua intimidade metafísica. Permita-me tocar o fundo da sua história e então olhar para cima e ver todo o caminho construído.

Ordene-me que pare! Ordene que me retire, que eu vá e não mais retorne a invadir sua existência somente para que a minha se concretize. Faça com que minha maldição se canse de amaldiçoar; que se canse de tentar ver o que é proibido aos que não fogem do sofrimento. Faça-me uma pergunta e me permita responder com aquilo que meus olhos viram em ti, pergunte-me quanto é dois mais dois e me permita responder que o seu sofrimento também me atinge. Senão, ao menos, mande-me embora, com a defesa de que não suporta mais meus olhos seguindo-a. É lá, distante, que não poderei ver o que mais interessa no que é mostrado por você; é assim que nossa ligação unilateral desaparecerá. Toca-me para longe, como a uma mosca que atormenta o seu café, que quer olhar-te de perto, que quer ver na sua postura corporal a rigidez de um oficial, que quer ver os milímetros de seus olhos se movendo e nisso aprender algo do universo que você é. Expulsa-me da ignorância que aprisiona minha atenção em ti. Caso o faça, aí então estarei livre para aprender aquilo que até poderei um dia esquecer, mas que ao menos me remeterá à memória de quem o ensinou.

Conheça Monte Sião, antes que cresça

A primeira vez que fui a Monte Sião
percebi que estava em Minas Gerais
não pela placa da estrada,
mas pelo perfume,
pelo olor que se evola
das montanhas cor de azul.
O primeiro monumento que vi foi o Morro Pelado.
Não chega a ser um Everest.
Mas um morro com 1.319 metros de altura
tem que ser respeitado.
À sombra desse morro,
cinquenta famílias de imigrantes italianos
com arados e agulhas de tricô escolheram
o lugar para criar os filhos,
fazer cafuné nos maridos e ser felizes.

Começaram plantando café,
depois plantaram tricô.
Construíram mais que uma cidade.
Construíram um pedaço do sul de Minas
onde uai e sô têm o mesmo sotaque
e a mesma significação.

Sou franco, quando lá cheguei pela primeira vez
fazia um sol propício para camisa aberta no peito.
Nem me passou pela cabeça comprar um agasalho.
O que eu queria era tomar um sorvete
de abacaxi feito com abacaxi,
com gosto de abacaxi. Coisa rara.
Me indicaram a Sorveteria Marajó.
Aproveitei. Além do sorvete comi arroz-doce,
pudim de leite, e como ficava no caminho
pedi um pastel no Bar da Zuzu, onde fica,
hoje em dia, o pessoal da Prefeitura
fazendo firula depois do expediente.
Eu acho que uma cidade que tem um pastel
como o da Zuzu merece o Oscar dos pastéis.

Muita gente vai a Monte Sião para comprar
peças de linha e lã, blusas, luvas,
cachecóis, gorros, mil coisas que se usam
no inverno e no verão.
Buscam novidades da moda
e preços de ocasião.
Mas o meu negócio é banda de música,
coreto, serestas, espichar as pernas
na Praça Mário Zucato, me deixar ficar
olhando o desfile do tempo e as folhas
das árvores podadas em formato
de bicho, passarinho e planta.

Meu vício antigo é descobrir
os segredos e os silêncios.
Achar a rua dos fornos
do Toninho da Cerâmica,
o único artista que fabrica louça em azul
em todo o Brasil, ficar ouvindo as lorotas dele,
contando vantagens de pescador e patrão de remo.
Fazer de conta que acredito
e depois ter de reconhecer
que o dourado que ele pegou com as unhas
é um fato. Teve testemunhas.
Enfim, eu gosto desses fenômenos grandes
de cidade pequena, antes que ela cresça.
Mas o que de que eu mais gosto de Monte Sião
é quando bate o sino de manhã bem cedo
na igreja da praça e ninguém acorda mal humorado,
xingando, com cara feia.
O céu azul espera as folhas da janela.
No coreto a banda toca.
Ninguém liga se Bach e Pixinguinha desafinam,
os verdadeiros músicos da praça
tocam para o coração,
não pros ouvidos.

Conheci o Pascoal Andreta.
Sem fazer rima, o Pascoal Andreta
tocava clarineta, violão, pistão,
fagote e violino e uma porção de outros instrumentos
que ele dizia que tocava.
Quando ele comandava as serenatas,
a madrugada acendia as luzes da ribalta.
Nas horas vagas Pascoal Andreta construiu
um teodolito, um binóculo, uma luneta e um telescópio,
e do alto das nuvens derrama seus sorrisos póstumos.
Grande sujeito!

Monte Sião não é apenas cidade.
É um modo de ser. Um certo jeito.
Tem o rio Eleutério, com lambaris a rodo.
Tem a cachoeira do Coqueiral.
Tem o Tirafina, que põe cabo em faca
mesmo nas segundas-feiras, que é dia de birita.
Tem a garapa da Praça do Rosário.
Tem o trenzinho do Rodolfo, com microfone
para cantar ou mandar mensagem de amor.
Tem o pão-de-fubá da padaria do Edno.
O Bar Pé-de-Porco.
O Bar do Lazinho e o Bar do Mixirica,
torresmo pururuca, jogo de truco.
O Asilo Lar São José, que recebe turistas
em apartamentos de meia estrela,
bem simples, com cheiro de limpeza
e preços bem macios.
Monte Sião tem horizontes infinitos,
muito mais límpidos que os mais
belos horizontes.
Aprende-se tanta coisa indo lá!
Tantos segredos.
Hoje sei que uai e sô significam a mesma coisa.
Compro umas coisinhas: um mel de abelha,
geleias finas, uma blusinha pra minha filha,
um gorrinho de lã para aparar o sereno frio,
e pedaços de lua cortados em fatia.
O que mais encontro porém, nessa cidade
pura, é o calor humano.
Artigo sem preço. O artigo do dia.

Crônica escrita em 30/03/1993

Lourenço Diaféria *(1933-2008) foi um contista, cronista e jornalista brasileiro. Conheceu Monte Sião no início da década de 1970 e aqui fez amigos. Participou de serenatas com Pascoal Andreta e Ivan Mariano. Tinha um grande carinho por Monte Sião. Publicamos sua crônica com autorização de sua esposa,Geisa Diaféria*

Monte Sião
A Capital Nacional da Moda em Tricô
Novembro de 2020 Nº 581

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

DEZEMBRO DE 2020

Dia 01
Giuliano Guarini
Luíza Ribeiro Labegalini
Dia 02
José Oscar Guirelli
Sara da Costa Pereira Bueno
Maria Inês R. Machado
Laura Ortega de Almeida
Dia 03
Denise D. Parreira de Lima
Dia 04
Ronald Jacomassi Augusto,
Rio de Janeiro/RJ
Charles Simões Cardoso
Maria Helena Vilela,
São Vicente/SP
Diogo Labegalini de Castro, membro da diretoria deste jornal
Dia O5
Adolfo Henrique de O. Simões
Dia 06
Jéssica Monteiro
Larissa Luiza Pereira
Paulo Luciano Bernardi
Valinhos/SP
Dia 07
Paulo Bitencourt, colaborador do Círculo Italiano
Rosana Aparecida Vilela Bueno
Adriana Costa Trindade,
Santos/SP
Viviane Almeida,
Mogi Mirim/SP
Dia 08
Edson Arlindo Reginato
Dia 09
Lourdes de Souza Artuso
Ricardo U. Rodrigues
Silmara Aparecida Righete Cardoso
Dia 10
Antonio Gotardelo
Ricardo José Grossi
André Luiz Faraco
Rômulo Cardoso do Carmo
Dia 11
Mariângela Ambrósio
Dia 12
Ana Paula da Silva Oliveira
Marcela Benedette Comune
Rosana Aparecida Bueno
Tatiane Vilela Faria
Lúcia de Fátima A Ribeiro
Laércio de Souza Moraes
Dia 13
Adriano Ferraz de Araújo
Dia 14
Henrique Rieli Dematei
Dia 15
Isac Faria Dorta
Pedro C. Ribeiro Martins
Renata Monteiro Ilacir Righete
Fernanda Righete
Dia 16
Franciele Silva Tozetti
Elisângela C. Marinas Machado
Luís Henrique Comune da Costa
Elenita Borges de Queiróz
Diego Durante Pennacchi
Eloísa Corsi Faraco
Dia 17
Aparecida de C. Canela
Lívia Bernardi Lopes,
Formiga/MG
Antonio A. Diniz Filho,
Mogi Mirim/SP
Dia 19
Valéria C. Ribeiro Silva
Dia 21
Ana Paula Comune
Magali Tavares Paes
André Monteiro Schilittler
Maria Inês Lopes Mussi
Eugênia C. Monteiro,
São Paulo/SP
Geni Francisca Azevedo
Dia 22
Fabiéli Bortoloti Faria
Michaella de Souza Bueno
Dia 23
Fernando Henrique T. Araújo
Silvana Aparecida B. de Andrade
Conceição Aparecida Pereira
Telma B. Castro Ribeiro
Natalina Campos Freire
Dia 24
Amanda Emerick de Souza
Carlos A. S. da Silva
Thamara Cristina O. Gomes
Cleusa S. M. Monteiro
Dia 25
Antonio C. da Silva
Cyntia Viegas Brunialti
Teresa Vitoriano Queirós
Aparecida Landini
Viviani da Costa
Dia 26
Edivalson Corsi
Luiza B. de Castro Ribeiro
Dia 27
José Ferreira Primo
Cibele Armelin
Maria Ap. de Souza Bueno
Dia 28
Olatini S. Pereira
Luiza Gâmbaro
Rosa Florêncio da Rosa
Dia 29
Maria Madalena Andreta
Aroldo Comune, nosso colaborador
Maria Inês Andreta Araújo
Dia 30
Taís Godoi Faraco, nossa colaboradora.
Maria Aparecida M. Monteiro,
São Paulo/SP
Dia 31
Marcílio D. dos Santos
Renata Vieira de Toledo
Débora E. Toledo

A todos, as felicitações da Redação!

ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2020 (Fonte: TSE – Tribunal Superior Eleitoral)

MONTE SIÃO – VOTOS VÁLIDOS – PREFEITO

José Pocai Jr – 7.183 votos – 53,93%
Rafael Lucio da Silva – 5.982 votos – 44,92%
Ricardo Mariano de Paulo – 153 votos – 1,15%

Total de eleitores que compareceram: 14.157
Total de votos válidos: 13.318
Total de votos brancos e nulos: 839

MONTE SIÃO – VEREADORES ELEITOS (Ordem alfabética)

Angélica Artuso de Souza
Antônio Oswaldo Inácio
Benedito Dorta Neto
Décio Fred
Donizeti Benedito da Silva
Gedielson Fernandes Maciel
Hércules Divino de Faria
Maurício Zucato Jr
Platini dos Santos Pereira

ÁGUAS DE LINDÓIA – VOTOS VÁLIDOS – PREFEITO

Gilberto Abdou Helou – 6.797 votos – 70,12%
Ary Mantovani Junior – 2.244 votos – 23,15%
Uilson Aparecido Vilas Boas – 652 votos – 6,73%

Total de eleitores que compareceram: 10.821
Total de votos válidos: 9.693
Total de votos brancos e nulos: 1.128

ÁGUAS DE LINDÓIA – VEREADORES ELEITOS (Ordem alfabética)

André Luis Alves de Morais
Andreia Benati Dahdal
Eduardo Rezende Zucato
Ezequias Felipe Rodrigues
Marcos Rogério Nucci
Paulo Sérgio Galote
Renan Felipin Sambo
Vágner Aparecido de Souza Godoy
Valmir Franco

Aos eleitos, o Monte Sião deseja que seus mandatos sejam plenos de êxito e que possam trabalhar com afinco e respeito aos cidadãos.

X X X

EM SUAS PRÓPRIAS MÃOS
José Antonio Zechin

Uma historinha conhecida que reconto com minhas próprias palavras. Certo dia um aprendiz resolveu desafiar o mestre. Segurando um passarinho vivo entre as mãos escondidas atrás das costas, perguntou:
— Mestre, o que tenho em minhas mãos está vivo ou morto?
Obviamente, já com a intenção de contradizê-lo. Se o mestre dissesse que estava morto, ele simplesmente abriria as mãos e o pássaro sairia voando. Se, ao contrário, o mestre dissesse que estava vivo, ele apertaria a ave com as mãos, matando-a. E o mestre sabiamente respondeu:
— A resposta está em suas mãos!...
Na vida é sempre assim. Pensamos que as respostas que precisamos estão sempre nas mãos dos outros: dos pais, das autoridades, dos amigos e até mesmo de Deus. Não, absolutamente não! As respostas estão sempre nas nossas próprias mãos.

X X X

NOVIDADE

Dia 12 de novembro, inaugurou em Monte Sião um novo espaço dedicado à arte: a loja colaborativa CO LAB ARTE, localizada na Praça do Rosário, 58. O projeto foi desenvolvido pela Tais Faraco e seu companheiro Lucas Golo, para dar visibilidade aos artistas da cidade. Um total de 11 artistas compõem o espaço, e as artes expostas são as mais variadas: artesanato, quadros, desenhos, roupas, peças de ourivesaria, macramês e produtos ecológicos e naturais são alguns exemplos. A CO LAB ARTE foi criada para que tanto os moradores da cidade quanto os turistas possam entrar em contato com a riqueza artística e cultural dos artistas de Monte Sião, criando assim mais incentivo para que todos - inclusive a cidade - se desenvolvam.
O próximo passo do projeto é a criação da loja virtual, possibilitando um maior alcance de público e visibilidade aos artistas.
Visite a loja física, e também a página do Instagram: instagram.com/colabarteoficial

FOGO NO MORRO DO MACACO

No dia 22 de outubro, creia-se que numa ação criminosa, o Morro do Macaco amanheceu em chamas. A Defesa Civil de Monte Sião foi chamada, mas não pode fazer muita coisa – as chamas altas e a vegetação fechada impossibilitaram uma ação rápida.
As chamas continuaram destruindo grande área do morro, ainda no dia seguinte, quando foi acionado o Corpo de Bombeiros de Pouso Alegre
Mesmo com toda ação da Defesa Civil de Monte Sião, do Corpo de Bombeiros e de voluntários, as chamas continuaram por uma semana, até que as chuvas ajudaram a apagar o fogo.
Até quando?

A palavra achada

ZEZA AMARAL

Busco escrever uma palavra. Qualquer palavra. E tento lembrar uma que está esquecida. E abro velhas malas memoriais, remexo algumas sacolas, remexo o lixo reciclável e vou olhar o lixão da esquina. A palavra desapareceu. E volto para casa e me sento na frente do computador para contar uma triste aventura. Perdi uma palavra em algum lugar e não faço a menor ideia onde.

Qualquer palavra é um bem que não se deve perder. Perde-se dinheiro, oportunidades de negócio, chance de emprego ou um grande amor — ou mesmo que seja pequeno, pois amor é. Perdemos a horado trem, do ônibus, do jantar com a família, do presente ao afilhado, e assim vamos nos perdendo em tantas perdas.

Eu perdi uma palavra e um País. Os bolsos estão intactos, bem costurados, mas deixei um País em algum lugar de que não me lembro. E com ele deve estar a palavra que ando procurando. E abro livros, jornais, a janela da varanda, busco nas nuvens uma notícia de palavra, de um País perdido. E passa um urubu voando longe e bem mais longe a varanda da casa dos meus pais, onde me deitava depois do almoço para imaginar desenhos nas nuvens.

O ladrilho era fresco e assim adormecia por um tempo que me cabia. Depois a mãe me avisava que era hora de fazer a lição da escola e, é claro, a lição da casa, varrer o quintal, o jardim, e catar os galhos secos do velho pesseguеiro no corredor lateral. E tratar de dar milho às galinhas no fundo quintal.

Tudo era muito simples e apenas simples. Nada se complicava. E tudo era dito sem cochicho. Apenas dito. E o serviço era feito pois sem ele não tinha campinho de futebol. E a bola perdida na linha do trem era achada por quem a chutou. E tudo era paciência e apenas paciência. E a bola era achada e a pelada recomeçava. Mas a palavra que estou buscando está perdida. E vou atrás dos trilhos da Maria Fumaça, das touceiras de capim gordura, do capim navalha, dos espinheiros de juá... e a palavra perdida está em algum lugar das ervas daninhas que bem sei ainda desejam enfear os meus caminhos.

Mexi na gaveta de minhas velhas meias e a palavra não estava lá. Remexi papéis antigos e a palavra também não estava lá. Tentei até fazer uma letra de bolero e a palavra não apareceu. Lembrei de um poema de Alex Polari de Alverga e liguei o rádio à procura de notícias tuas, e a palavra não deu notícia. E assim fiquei perdido como o velho companheiro Polari, perdido em sua cela política, e eu do outro lado levando uma comida. E desaparecemos de nós mesmos, ele para um lado do perdão e eu não perdoando os torturadores, mais aqueles que maltrataram um poeta.

Não há perdão para quem bate num poeta. Nem o pior dos demônios pode admitir tamanha afronta, pois são os poetas que contestam quaisquer forças universais, inclusive e principalmente o filosófico fogo dos infernos. E rezo para que cada um tenha uma oração para espantar seus próprios demônios —e eles são tantos e tantos que habitam a alma de cada um de nossos neurônios— e Deus apenas nos ensina a ter paciência e orar por todos nós.

Faço um ligeiro passeio pelas minhas ruas interiores e descubro um favo de mel na marquise de um prédio. E uma abelha vem pousar no meu ombro memorial. E a palavra perdida é achada. Quem me visita é Jandira, senhora dos favos de mel. E ela chegou meio estabanada e sempre alegre e natural. E conta que está indo embora para algum lugar do Universo. Não diz qual e eu não pergunto. Mas bem sei que ela está seguindo para um lugar em que ela bem merece estar. E assim me acalmo, visto a minha roupa de caminhar e vou andar pela simpática praça da Igreja de São Paulo. Achei a minha palavra perdida, que, aliás, estava — e estará — sempre guardada nos favos da minha mão.

Bom dia, Jandira.

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

CASA DAS MASSAS de Lourdes Labegalini
Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados
Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG
ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM CONTABILIDADE
ADRIANO - CHARLES - MAURICE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● Teste do Pezinho ampliado
● Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini
Peças e Acessórios para Áudio e Vídeo
Rua: Carlos Pennacchi º 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136